



FÉ E RAZÃO: UMA RELAÇÃO DE COMPLETUDES E VERDADES

(Faith and Reason: A relationship of completeness and truths)

Gustavo Augusto da Silva Ferreira*

Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará

E-mail: professorgustavoferreira@hotmail.com.br

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo central expor a proximidade e a relação, não agônica e não antagonica, entre temas e conceitos tão popularmente conhecidos e não raramente compreendidos equivocadamente em suas relações, tais como “ciência” e “religião”, “fé” e “razão”, “busca empírica” e “compreensão subjetiva”. Para nós, a relação que se estabelece entre esses conceitos é uma relação de completude, paralela, e não de oposição. Através de uma argumentação teísta com base na história, filosofia, teologia e nas ciências, pretendemos apresentar o equívoco acerca da questão e demonstrar a verdade inerente a estas relações tão produtivas e tão mal compreendidas.

Palavras-chave: Relação; Fé e Razão; Verdade.

Abstract:

This study was aimed at exposing the proximity and not agonizing and not antagonistic relationship between themes and concepts as popularly known and often mistakenly understood in their relationships, such as "science" and "religion", "faith" and "reason", "" "empirical search" and "subjective understanding". "For us, the relationship established between these concepts is a relation of completion, parallel, and not in opposition. Through a theistic argument based on history, philosophy, theology and sciences, we intend to present the misconception about the issue and demonstrate the truth inherent in these relationships as productive and so poorly understood.

Keywords: Relationship; Faith and Reason; Truth.

INTRODUÇÃO

Tudo aquilo que nós conhecemos, como conhecemos e por que conhecemos sempre foi precedido pela questão teológica no âmbito da racionalidade. A pergunta acerca de Deus



sempre esteve presente nas discussões e debates mais importantes que nos contam a curta trajetória do homem evoluído desde a noção de sua origem até os dias de hoje. “De onde viemos?”, “Para onde vamos?”, “Quem somos?” e “O que estamos fazendo aqui?” são perguntas que assolam a humanidade desde seus primórdios, e estão diretamente ligadas à questão da divindade. A grande maioria dos antropólogos é conclusiva em afirmar que a noção da *ideia de Deus* é uma das mais comuns entre qualquer sociedade e que toda civilização encontrada até hoje tem pelo menos a noção de uma – apesar das civilizações mais antigas raramente terem em mente somente uma noção de divindade.

No âmbito da filosofia, por exemplo, podemos encontrar a questão teológica extremamente presente. Não se encontra no meio filosófico e na história da filosofia ocidental, como um todo, um único filósofo que não tenha tratado, mesmo que em poucas palavras, da questão acerca de Deus, seja para negá-lo, seja para afirmá-lo, seja para atestar a sua existência, ação, inação, seja para negá-las; seja para inserir uma nova noção acerca do absoluto seja, para diminuí-la. Dos pré-socráticos a Heidegger (1889 – 1976), praticamente todos os filósofos trataram diretamente da questão acerca de Deus. Na Antiguidade, uma noção mais restrita se apresentava. Uma noção que só se torna mais ampla com o pensamento de Sócrates (469 a.C. - 399 a.C.) e Platão (428/427 – 348/347 a.C.) e, em seguida, com a análise minuciosa de Aristóteles (384 a.C. — 322 a.C.). Tal noção perpassada pelo período helenístico se amplia e exacerba-se na noção romana acerca das divindades. Em seguida, com o advento da filosofia medieval, temos não mais a filosofia como disciplina independente e de pretensão universal, mas como serva da teologia. A filosofia medieval em seus primórdios passa a apresentar-se como uma teologia de alto nível com Aurélio Agostinho (354 d.C. - 430), Pedro Abelardo (1079 – 1142), Anselmo de Cantuária (1033/1034 - 1109), Tomás de Aquino (1225 - 1274), Guilherme de Ockham (1285 – 1349), Nicolau de Cusa (1401 – 1464), Erasmo de Roterdã (1466 – 1536) e outros. Na modernidade teremos a questão ainda debatida, porém com outro viés, com René Descartes (1596 – 1650), David Hume (1711 —1776), Pico Della Mirandola (1463 — 1494), Immanuel Kant (1724 – 1804), G. W. F. Hegel (1779 – 1831) e outros ilustres da época. E, já na contemporaneidade, teremos personalidades filosóficas notáveis que abordarão tal questão, como a do Pensador Ludwig Feuerbach (1804 – 1872), F. Nietzsche (1844 – 1900), Soren Kiekegaard (1813 – 1855), Martin Heidegger (1889 – 1976), Michel Foucault (1926 – 1984), Jean-Paul-Sartre (1905 – 1980) e outros notáveis pensadores da época recente.

A problemática teológica esteve sempre presente no contexto humano. Por teologia entendo o estudo das teses, teorias e conclusões acerca de Deus e de qualquer outra divindade ou entidade metafísica que receba atributos semelhantes. Logo, trata-se indiretamente de uma antropologia, diretamente de uma metafísica e, conseqüentemente, de uma filosofia.

Com isso, podemos com certeza afirmar que tal questão é uma das bases não só da civilização como um todo, mas também é um dos pilares inerentes ao pensamento humano. Contudo, o que poucos sabem - mas que se mostra de maneira arbitrária - são os conceitos e preconceitos criados acerca da presente questão. A teologia não se encontra em nosso meio de forma particular como um hábito comum e cultural. A teologia habita desde os primórdios da noção



da existência até o mais banal meio cotidiano e habitual de nossas crenças e atitudes. Como consequência dos mal-entendidos e pensamentos equívocos acerca da presente questão, acerca da questão teológica, criou-se, de inúmeras formas, sentimentos e pensamentos indesejáveis. Um deles é o fanatismo exacerbado, o radicalismo religioso, que parte na maioria das vezes da confusão entre “teologia” e “religião”. Outro dos quais, que também pode ser considerado como consequência do primeiro, é o ato de repúdio a toda e qualquer teoria teológica e a confusão entre “teólogo”, “Padre”, “Pastor” e “Sacerdote”. Tornou-se extremamente comum os teólogos serem confundidos ou denominados como autoridades religiosas: Teólogos não são autoridades religiosas (a não ser que, além de teólogos, exerçam alguma atividade ligada a uma dada religião ou seita)! Teólogos são intelectuais da teologia; pensadores que pesquisam, pensam, estudam e desenvolvem teses acerca da noção ou ideia de Deus, tentam entendê-lo na medida do possível.

A consequência máxima dos preconceitos, conceitos equívocos e demais equivocidades relacionadas à nossa questão é a “exacerbação atea”. O ateu nega a todo custo toda e qualquer possibilidade da existência de Deus ou de qualquer outra divindade; por conseguinte, nega a teologia. O ateísmo, em geral, nasceu de uma tendência intelectual radical e revolucionária. Alguns dos maiores intelectuais da história da humanidade denominaram-se ateus. Grande parte deles pensadores de renome: filósofos, cientistas ou grandes lideranças políticas. Com o tempo e a influência de grandes mentes, as ideias do ateísmo tornaram-se cada vez mais radicais, populares e generalizadas. Em certas ocasiões o ateísmo mostra-se não mais como negação da existência de Deus, mas como um sentimento negativo contra todos aqueles que creem nele. O ateísmo popularizou-se a tal ponto de todo e qualquer indivíduo poder denominar-se “ateu”, mesmo sem conhecer os princípios básicos do ateísmo ou do teísmo. Por “teísmo” compreendo toda e qualquer tese, teoria e/ou proposta que evidencie ou se mostre de forma coerente e concordante com a existência de Deus. O teísmo não se enquadra como religião, seita, tendência filosófica e muito menos tendência científica. O teísmo é somente a tendência racional ou subjetiva de um indivíduo que por si é levado a alegar ou admitir a existência de uma divindade ou ser transcendental superior.

A principal temática de nossa exposição é o debate existente entre o teísmo e o ateísmo. O campo de batalha entre o teísmo e o ateísmo em nossa exposição é puramente racional. No cerne do presente trabalho, destaca-se principalmente a mitológica tese que afirma a completa oposição entre fé e razão, ciência e teologia, busca empírica e compreensão subjetiva/fideísta. Muitas vezes determinados ateus desrespeitosos e inconsequentes acusam-nos de irracionalidade e vangloriam-se por sua racionalidade extremada. Mas podemos indagar: até que ponto tal racionalidade se mostra útil no âmbito da vivência e convivência humana como ser-no-mundo? A racionalidade extremada leva ao óbvio por ser conduzida pela lógica pura, e ninguém, absolutamente ninguém, vive no âmbito puro da lógica, pelo menos não o tempo inteiro. Ser humano é justamente ser afetado e ter momentos de uma tal complexidade nas atitudes e pensamentos que nenhuma lógica consegue explicar. A loucura não se mostra como o oposto da razão, mas sim como o seu avesso, o amor não é puramente racional, mas não há amor maior que o pertencente ao humano. O humano é falho, e aquilo que determinados membros de nossa espécie mais exaltam (a razão), é tão falha quanto o seu proprietário, o



homem: afinal, o imperfeito não pode criar o perfeito. Desta sorte, o debate entre teísmo e ateísmo converte-se na forma de Fé e Razão e suas relações, às quais defendemos uma espécie de completude, e não de oposição.

1. SOBRE SER RACIONAL

Ser racional é ser um ser que pensa racionalmente, que segue um fio condutor lógico na grande maioria das vezes, que consegue desenvolver raciocínios. Mas nem sempre esse mesmo fio condutor conduz para o que é necessariamente melhor para o indivíduo ou para a humanidade. Somos humanos e não máquinas! Querer que o homem agisse logicamente o tempo inteiro é querer que ele seja in-humano. É desejá-lo não como ser humano, mas sim como uma máquina programada e coordenada para uma determinada atividade, somos pensamentos, sensações e sentimentos, e não softwares e hardwares.

Seguindo a lógica pura, a racionalidade extremada, chegaríamos à conclusão que “o melhor e mais justo para a humanidade seria o extermínio da mesma, já que somos uma espécie que devasta tudo o que encontra pela frente e modifica todo e qualquer habitat sem respeitar os ecossistemas já existentes. Se assim o fosse deveríamos cometer o suicídio, pois, seria a opção mais sensata para o nosso próprio ego e para a natureza: considerando que não temos certeza se estaremos vivos nos próximos cinco minutos, algo que gera ansiedade e agonia, então, para acabarmos com a angústia e a incerteza, matemo-nos, pois assim nos livraremos da nossa dor e livraremos também a natureza”. Segundo tal raciocínio somos humanos, mas somos obrigados a viver como máquinas... Somos seres estatísticos e a certeza ou generalização absoluta de uma afirmação embasada na empiria não merece tanta confiança assim (como pensam os ateus), e a racionalidade não é o guia único, infalível e extremo do agir humano. Pensar a racionalidade como infalível já é em si pensar irracionalmente, querer essa absolutização da racionalidade é não conhecer a história da humanidade. Admitir a existência de um ser superior não é irracionalidade: é reconhecer que você não porta o conhecimento absoluto, não é infalível, não veio do nada e, principalmente, é pequeno demais para afirmar que não há algo ou alguém extremamente superior a você e sua espécie. Mas qual seria essa argumentação ateia que tanto faz os ateus se vangloriarem?

A questão acerca do impasse religioso e a educação religiosa, assim como a crença em geral ter se problematizado cada vez mais, são de suma relevância para nossa reflexão. Para os pensadores ateus (que citaremos mais a frente) a questão religiosa tornou-se um déficit para a humanidade. Porém, a grande maioria desses pensadores reconhece que a religião é parte constituinte da humanidade, já que acompanha o homem em sua história e evolução. O que então acontece com a religião? O que fazer com ela? O filósofo Daniel Dennett sugere que:

(...) nossas tradições religiosas, sem dúvida, deveriam ser preservadas, assim como as línguas, a arte, os trajes, os rituais, os monumentos. Zoológicos agora são vistos como refúgios de segunda classe para espécies ameaçadas de extinção, mas, pelo menos, são refúgios, e o que preservam é indubitável.¹



A resposta deste pensador é afirmar que se deve continuar a manter as tradições religiosas como forma de cultura e não como forma de crença ou estilo de vida. Ele sugere a doutrinação nas escolas. Daniel Dennett recomenda que as escolas ensinem religião como um fenômeno puramente natural. Com isso, preconiza que deve ser ensinada como se fosse falsa. Porém, uma aula que tem como pauta a religião, no caso, seria não uma aula de religião, fé ou teologia, mas sim uma aula de cultura ou história. Dennett afirma que a religião é como um esporte ou um câncer: “um fenômeno humano composto de eventos, organismos, objetos, estruturas, padrões.”² Para ele e para os demais adeptos desta ideia, o ateísmo não é uma filosofia, não é uma visão de mundo e nem mesmo uma opção intelectual, o ateísmo para esses homens é somente a mera admissão do óbvio. Estes pensadores chegam a estas conclusões ao observarem que a crença religiosa é algo que as pessoas aos poucos abandonam na medida em que se tornam mais cultas. De certa forma, tal proposição é verdadeira, mas somente até certo ponto. Aqui mesmo, (no estado do Ceará, minha terra natal) temos intelectuais de renome e respaldo internacional que jamais abriram mão da religião (como o padre Dr. Manfredo de Oliveira, a freira Dra. Marly de Carvalho Soares, Dom Hélder Câmara etc.). Aliás, no mundo inteiro e até mesmo na história da humanidade e no período iluminista, houve grandes pensadores teístas. Seria irrelevante citar todos aqui, mas para que melhor exemplo de que I. Newton?

Segundo o entendimento dos pensadores ateus aqui confrontados, Grécia e Roma representam o ponto mais alto da civilização antiga, destruída por bárbaros cristãos que mergulharam o mundo na era das trevas (daí o apelido que a idade média recebeu: idade das trevas). “Felizmente a civilização foi salva pelo renascimento”, assim eles pensam, que foi um retorno ao aprendizado clássico. Então veio o Iluminismo, que nos abriu os olhos para as maravilhas das ciências modernas, para o próspero sistema de mercado e para a democracia moderna. É uma pena que estes senhores não tenham tido acesso direto a análise e contribuição do estudo da filosofia, cultura e teologia renascentistas de notáveis pensadores contemporâneos, tais como Eric Weil (*Astrologia em Pico Della Mirandola e Ponponazzi*; duas teses: 1928 e 1950), Eugenio Garin (*Lo Zodiaco della Vita*) e Ernst Cassirer (*Indivíduo e Cosmos na Filosofia do Renascimento*) para, a partir daí, poderem enxergar seus próprios equívocos. Assim, vemos que nossos críticos não percebem que a questão está redundantemente sendo invertida, não de modo geral, mas em seus alicerces.

Por mais que se negue, o Cristianismo é a raiz e o alicerce da civilização moderna. O Cristianismo é responsável por grande parte dos valores e instituições que as pessoas seculares mais estimam. Consequentemente, o desejo de repudiar as raízes cristãs da cultura ocidental não é somente um ato de negação da história, mas também ameaça às prioridades morais da pessoa secular. Em *Esparta*³, por exemplo, o costume de assassinar crianças e recém-nascidos com algum defeito físico era comum. E quem, se não o Cristianismo, com a doutrina da misericórdia e a defesa do direito a vida contribuiu diretamente para fim de atos tão bárbaros na cultura pagã?

Na verdade, o ocidente foi construído sobre dois pilares: Atenas e Jerusalém. Com Atenas eu me refiro à civilização clássica, à Grécia antiga e a Roma pré-cristã. E com Jerusalém eu me



refiro ao judaísmo que ,por sua vez ,originou o Cristianismo (e também o Islamismo, mesmo este tendo a sua predominância no oriente).

Mas o que poucos sabem ou não querem enxergar, é que foi a própria civilização clássica que se autoinfundiu práticas bárbaras, como a pederastia grosseira, escravidão e até mesmo a citada logo acima (infanticídio). Além disso, os cristãos não destruíram a civilização romana. Foram os *Hunos*, os *Godos*, os *Vândalos* e os *Visigodos* que fizeram isso. Esses bárbaros que vieram das regiões pagãs do norte da Europa esmagaram uma Roma que há muito estava fraca e decadente.

Felizmente, no final, essas tribos se converteram ao Cristianismo. Com o tempo, foi o cristianismo que civilizou esses povos rudes e ensinou-lhes a conviver. O Cristianismo não assolou uma civilização culta, mas encontrou uma civilização que já havia sido assolada e devastada por outros e por si própria. O ocorrido depois, ou seja, a idade média com suas exacerbações e abusos não foi em si prática cristã. O bom leitor e interprete da Bíblia sabe perfeitamente bem que não há no novo testamento – que é o manual de fé e prática do cristão – nenhuma base para tais atrocidades. Houve, no interior dos atos reprováveis dos medievais em nome da cristandade, uma questão de má fé e de ignorância hermenêutica.

Não existe no documento neotestamentário (novo testamento) nenhuma ordem ou respaldo para atividades como guerras santas, inquisição, tortura e muito menos assassinatos de ateus, agnósticos e pagãos em massa. Na verdade, homens mal intencionados e detentores do poder na época, aproveitaram-se da autoridade religiosa e da fé alheia para disseminar o terror e o fanatismo em prol de seus interesses pessoais, sua própria ignorância e seu desejo de dominação.

O cristianismo não foi responsável por isso! Onde só havia um lugar desolado, os cristãos produziram aldeias, depois vilas e, por fim, comunidades e cidades. Ao longo dos anos o selvagem guerreiro bárbaro se tornou um gentil cavaleiro Cristão e se formaram novos ideais de civilidade, de comportamento e de romance que moldam nossa sociedade até hoje. E ainda há o que se dizer em inúmeras páginas acerca da proporcionalidade da relação entre religião e cultura. A religião independe da cultura, contudo, não há formação cultural alguma sem religião, sem noção religiosa e etc. O historiado J. M. Roberts escreve em sua ilustre obra *The Triumph of the West (O triunfo do Ocidente)* que:

(...) é possível que nenhum de nós fôssemos o que somos hoje se um punhado de judeus há quase dois mil anos não tivesse acreditado que haviam conhecido um grande mestre, que o haviam visto crucificado, morto e enterrado, e depois ressuscitado.⁴

Em nenhum outro lugar a aspiração humana chegou tão alto ou tocou de forma mais profunda o coração e o espírito do que nas obras de arte, arquitetura, literatura e música do que na era cristã. A arte não foi elevada somente na renascença, no século IV, com a inserção de imagens



na cultura religiosa e pagã vigentes, a arte, através do sacro, dá um salto gigantesco e obtém um destaque impar.

Ironicamente, não dá para imaginar até mesmo alguns dos maiores gênios céticos ou ateus como Voltaire e Nietzsche sem o Cristianismo. Voltaire foi educado por jesuítas, e o pai de Nietzsche era pastor protestante, e o título de sua autobiografia filosófica, *Ecce Homo*, é uma referência ao que Pilatos disse sobre Cristo: “*Eis o homem*”.

Aliás, os próprios valores conhecidos como seculares são produtos do cristianismo, ainda que tenham se separado de sua fonte original. O termo “secular” é nada mais nada menos, em sua significação original, advindo de um termo cristão. No catolicismo, quando um sacerdote vive em uma comunidade ou paróquia entre pessoas comuns e não em uma ordem religiosa, é ele considerado um sacerdote secular.

Há muito que o cristianismo recebe acusações infundadas de pessoas desenformadas por consequência de cristãos equivocados e ateus ou antirreligiosos mal intencionados. Estes querem total separação entre religião e governo. Eles acusam os religiosos de quererem interferir nas leis estatais e dominar ou controlar o povo tendo como instrumento de manipulação o governo, colocando os seus no poder. Mas o que eles pouco param para observar é que o próprio Jesus já fizera esta separação publicamente. Na Bíblia, em *Mateus* capítulo 22 versículo 21, Cristo afirmou: “Deem a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.”, eis a separação já anunciada pelo próprio Cristo, *gênese* e *topos* do cristianismo.

2. O PRIMADO DA TESE CIENTÍFICO-ATEIA E SUA DISSOLUÇÃO NO TEÍSMO: O FIM DO EQUIVOCO

Desconstruímos de forma coerente e racional algumas das principais teses ateias que foram por nós elucidadas até aqui, porém resta-nos uma, a principal. O trunfo ateu se chama Charles Robert Darwin; o pai do evolucionismo é por muitos conhecido também como o pai do ateísmo. Pai do evolucionismo sim. Pai do ateísmo... Bem, é um equivoco considerável afirmar que Darwin era um ateu convicto. Darwin era agnóstico e estudou academicamente, em sua juventude, não somente medicina e biologia, mas também teologia. E ironicamente o nosso cientista está enterrado na Abadia de Westminster. A Abadia de Westminster é uma igreja funcional, com um ciclo diário de oração e culto. As suas altas abóbadas proclamam a inimaginável grandeza de Deus. Os cristãos que frequentam-na, acreditam que Ele (Deus) é um ser pessoal, tanto dentro como fora do nosso mundo *quotidiano*. Tal como muitas outras grandes igrejas, a Abadia encontra-se estruturada no formato de uma cruz, recordando a morte de Jesus Cristo, a fonte de nova vida para todos os Seus fiéis.⁵

Assim se inicia a resposta ao equivoco. O Teísmo, de uma forma geral, não é de modo algum contrário ao evolucionismo. E da mesma forma, Darwin, também não era ateu e muito menos chaga a condenar a religião em seus escritos, aliás, Darwin nem mesmo utiliza a palavra *Deus* (ou *Bíblia*) em sua mais importante obra: *A origem das espécies*. A Bíblia não é um livro científico e trabalha com analogias e metáforas, e devemos saber interpretá-la. Logo, não há



nada na Bíblia que negue as teses darwinianas, assim como não há nada no evolucionismo que negue o cristianismo ou o teísmo de modo geral. Quando, em *Gênesis*, a Bíblia faz alusão à criação do homem como advindo da terra, do barro, que outra coisa o autor quer nos dizer se não que o homem veio do pó e ao pó voltaras, ou seja, que a espécie evoluída surgiu, assim como toda a vida, de partículas insignificantes que originaram bactérias, vermes e com os milênios chegamos a nossa espécie? Essa passagem bíblica lembra-nos apenas que nosso corpo é composto de matéria, de minérios existentes na terra, na natureza. Darwin não trata da origem de tudo, mas só da origem da vida enquanto dividida em espécies. Da origem de tudo, da origem do universo, a maioria dos cientistas são adeptos da teoria do *big bang*, mas o *big bang* também não vai de encontro a Bíblia e nem a nega. Quem nega a Bíblia são os ateus, não a ciência. Um bom hermenêuta, seja ele ateu ou teísta, de modo algum interpreta a Bíblia por completo ao pé da letra e nem mesmo encontra oposição entre ela e as evidências científicas do darwinismo e da teoria do *big bang*.

Em *Gênesis* capítulo 1, vemos o autor descrever a criação, e podemos observar que nos versículos 1 e 3 ele faz alusão à luz. E diz “haja Luz”. Porém, o autor afirma que Deus diz “haja Luz” antes de criar o sol. Logo o que é essa luz se não a explosão luminosa que deu origem ao universo, chamada *big bang*? A lista de afirmações e conhecimentos que se encontra de forma análoga com referências científicas que pode ser encontrada nas “Sagradas Escrituras” é enorme e considerável, e isso fora as inúmeras profecias que vimos e vemos se cumprirem e que os ateus ignoram ou consideram como coincidência, astrologia, previsionismo, etc., tudo, menos providência ou toque divino sobre o homem.

Sem contar que foi o padre e cosmólogo belga Georges Lemaître (1894-1966) o precursor da teoria do *big bang*.⁶ Ao contrário do que se pensa, Ciência e religião, fé e razão, busca empírica e compreensão subjetiva, são paralelos e não opostos. Deve-se ter em mente que Deus é um ser espiritual e atemporal. O tempo assim como o espaço, é algo que existe para seres finitos. O tempo (para falarmos vulgarmente) nada mais é que a noção de desgaste, aprendizado e experiência que obtemos. E o espaço é a noção limitada que temos dos inúmeros lugares que existem e da matéria que o ocupa, mas que não podemos habitar ou ocupar por completo, pois o indivíduo é limitado a ocupar uma determinada região exatamente por sua massa corporal também ser limitada, sendo esta a nossa apreensão da propriamente dita da causalidade, aquilo que *é/está* no tempo/espaço para a nossa compreensão do mundo. Contudo, Deus, como onipotente e infinito, totalmente ilimitado, não conhece desgaste, experiência, tempo e espaço. Ele desconhece os caracteres finitos que são essenciais a nossa constituição. A Bíblia é bem clara em dizer-nos, no *salmo 90* versículo 4 que “Para Deus um dia é como mil anos e mil anos como um dia.” Isso acontece pelo simples fato de que o tempo e o espaço são relativos e existentes para nós, criaturas limitadas, e não para Deus.

Agora imaginemos a teoria de Darwin que diz que foi necessário milhões de anos para a espécie se desenvolver e chegar aonde chegou. Bem, para isso acontecer em contraposição com a tese teísta, de que Deus é responsável pela existência da natureza e seus atributos, ou seja, o homem e o mundo, necessariamente teríamos que crer que o homem fora criado de



maneira imediata, o que é um problema, pois, na verdade, uma espécie com tal capacidade de modificação como a nossa não pode de modo algum ter sido criada instantaneamente.

O homem, assim como as demais espécies evoluiu para chegar aonde chegou, ou seja, ao que somos hoje. Se *tempo* não existe para Deus (pelo menos o tempo na concepção humana, relativa ao desgaste) é totalmente provável que o evolucionismo não seja contrário à Bíblia e ao Teísmo, tendo Deus provido a criação do homem em um tempo que para nós talvez jamais será revelado, podendo este tempo configurar milhões de anos de nossa contagem. Assim também como a Bíblia de forma alguma condena o conhecimento científico e a filosofia, muito menos a razão, esta se apresentando de inúmeras outras formas, como quando o apóstolo Paulo faz menção ao culto racional em *Romanos* capítulo 12 versículo 1. Claro que as palavras paulinas não fazem referência exatamente à ciência, mas de qualquer forma, não se pode subjugar as teses teístas como irracionais e muito menos a ciência e a filosofia como sempre contrárias as teses teístas, cristãs e religiosas como um todo. Claro que toda religião têm seus mitos, assim como toda ciência e filosofia tem suas equivocidades, mas nem por isso uma se opõe a outra de forma que se apartem e tornem-se totalmente opostas. Ao contrario, como podemos enxergar na Filosofia Medieval, uma não só fundamenta a outra como também, muitas vezes, se antecipam.

CONCLUSÃO

Devemos ter a noção de que o que se opõem são teses e não necessariamente verdades. E de modo geral a ciência, assim como a filosofia, não degrada ou descarta a religião ou o teísmo de forma geral. O que vai diretamente contra toda e qualquer religião, contra toda e qualquer tese teísta é o ateu, e, em certos casos, o ateu de má fé, o indivíduo incrédulo que quer utilizar o conhecimento como álibi para atingir aquilo que ele tanto odeia: a religião. A palavra *Religião*⁷ dá-nos a compreensão de ser um conjunto de sistemas culturais e de crenças, além de visões de mundo, que estabelece os símbolos que relacionam a humanidade com a espiritualidade e seus próprios valores morais. Muitas religiões têm narrativas, símbolos, tradições e histórias sagradas que se destinam a dar sentido à vida ou explicar a sua origem e a do universo. As religiões tendem a derivar a moralidade, a ética, as leis religiosas ou um estilo de vida preferido de suas ideias sobre o cosmos e a natureza humana. A palavra *religião* é muitas vezes usada como sinônimo de fé ou *sistema de crença*, mas a religião difere da crença privada na medida em que tem um aspecto público.

Em geral a religião é aquilo que tende a re-ligar o homem a algo que ele perdeu. No caso, o contato com Deus quando, no *jardim do Éden* foi cometido o pecado original. Em todo caso, a religião quando está em coerência com os princípios da vida e a saúde mental do indivíduo, tal como também com a Teologia, gera conforto, confiança, persistência e dá motivos e alegria para viver. Não acreditar que existam razões concretas para viver e que tudo isso é perda de tempo é um direito de todos, mas utilizar-se do conhecimento científico e filosófico universal para atacar quem crê é não só imoral, mas também desprezível, é um ato de repúdio e baixeza contra quem nada lhe fez de mal a não ser existir e acreditar na vida, em Deus, na



eternidade, na fraternidade e em inúmeros outros valores que se bem administrados formam uma sociedade melhor e mais harmônica.

Ao contrário da crença popular, ou pelo menos na perspectiva que tem se apresentado (de forma exacerbada), o ateísmo não é, primeiramente, uma revolta intelectual. É uma revolta moral. Para os ateus, Deus não é tão invisível quanto censurável. Eles não estão ajustando os seus desejos à verdade e findam tentando ajustar a verdade aos seus desejos, nem lhes interessa fazer isso de forma digna, utilizam-se de silogismos e evidências meramente empíricas para exporem não a verdade, mas as suas opiniões e preconceitos. Trata-se de algo com o qual todos nós podemos nos identificar. É uma tentação até mesmo para os cristãos. Queremos ser salvos desde que não sejamos salvos de nossos pecados. Estamos bastante dispostos a sermos salvos de uma porção de males sociais, da pobreza, passando pelas doenças, até as guerras. Mas queremos deixar os males pessoais como lascívia, orgulho e egoísmo como estão. O ateu, na maioria das vezes, procura livrar-se do juízo moral (às vezes o seu próprio juízo) livrando-se do juiz. Concluímos o presente trabalho acreditando termos demonstrado brevemente não somente a relação como também, em certos pontos, a harmonia entre ciência e religião, fé e razão, busca empírica e compreensão subjetiva: estes são paralelos, e não opostos. Qualquer relação agônica que se instaure entre estes deve ser suspeita de intencionalidade segunda, de um compromisso externo à verdade, ao conhecimento e à vida.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Aurélio. *Confissões*. Editora Vozes, coleção de bolso. Tradução de Pina A. Ambrosio.

ANSELMO, Santo. *Proslógio*. Porto Editora, Porto, Portugal, 2002.

ANSELMO, Santo. *De Fide Trinitatis*.

DAWKINS, Richard. *Declaração para a Freedom from Religion Foundation*, Madisom, Winsconsin, setembro de 2001.

DENNETT, Daniel. *A perigosa ideia de Darwin: A evolução e os significados da vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____, Daniel. *Quebrando o encanto: A religião como fenômeno natural*. São Paulo: Globo, 2006.

HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Editora Ideias e Letras, Ed 2ª.

LARSON, Edward J. e WITHAM, Larry. *Leading Scientists Still Reject God*. Nature.

KAMINER, Wendy. *Our Very Own Taliban*. American Prospect, edição on-line, 17 de setembro de 2001.

NIEBUHR, H. Richard. *The king of God in America*. Nova York: Harper and Row, 1959.



- NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Editora Escala 2009. São Paulo. 3º edição.
- NIETZSCHE, Friedrich. *The Basic Writings of Nietzsche (Os Escritos Básicos de Nietzsche)*. Nova York: Modern Library, 2000.
- PINKER, Steven. *Como a mente funciona*. São Paulo: Companhia das letras 2005.
- _____, Steven. *Is Science Killing the Soul? Um dialogo com Richard Dawkins e Steven Pinker*, Londres, 10 de fevereiro de 1999.
- ROBERTS, J. M. *The Triumph of the West*. Boston: Little, Brown.
- RORTY, Richard e VATTIMO, Gianni. *O futuro da religião: Solidariedade, caridade, ironia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.
- SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos Demônios: A ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

* Graduado em Teologia pela Faculdade Kurius (FAK); Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Mestrando em filosofia no programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: professorgustavoferreira@hotmail.com.br

¹ DENNETT, Daniel. *A perigosa ideia de Darwin: A evolução e os significados da vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. P. 344.

² DENNETT, Daniel. *Quebrando o encanto: A religião como fenômeno natural*. São Paulo: Globo, 2006. P. 155.

³ Grande cidade-estado grega conhecida por seus guerreiros e vitórias em guerras.

⁴ ROBERTS, J. M. *The Triumph of the West*. Boston: Little, Brown, 1985, p. 37.

⁵ A Igreja do Colegiado de São Pedro em Westminster, mais conhecida como Abadia de Westminster, é uma grande igreja em estilo gótico na Cidade de Westminster, sendo considerada a igreja mais importante de Londres e, algumas vezes, de toda a Inglaterra.

⁶ Em 1927, o padre e cosmólogo belga Georges Lemaître (1894-1966) derivou independentemente as equações de Friedmann a partir das equações de campo de Einstein e propôs que os desvios espectrais observados em nebulosas se deviam a expansão do universo, que por sua vez seria o resultado da "explosão" de um "átomo primordial".

⁷ O conceito *Religião* vem do latim: *religare*, de significado especulativo, que faz menção ao ato de religar: no caso presente, "religar o homem ao divino."